

Os cursos pré-vestibulares alternativos de Uberlândia na opinião de seus integrantes

Mário da Silva Garrote Filho¹, Cecília Lomônaco²

Resumo

Esta investigação é um estudo exploratório sobre alguns aspectos da dinâmica organizacional e de funcionamento de cursinhos alternativos da cidade de Uberlândia, MG, em que foram ouvidos 250 alunos e 25 professores de 10 escolas diferentes. Estes cursinhos vêm sendo comumente originados por iniciativa popular e realizam importantes ações sociais para a universalização do ensino, formação para o trabalho e promoção humanística de pessoas de baixa renda, que constituem seu público-alvo. A dedicação dos professores, o ambiente cordial existente na sala de aula e a gratuidade do ensino foram os pontos positivos mais frequentes mencionados nos depoimentos dos alunos. Os aspectos negativos apontados relacionam-se à falta de infraestrutura e de recursos financeiros, decorrentes, principalmente, do fato destes cursinhos não contarem com apoio governamental, uma vez que não são reconhecidos pela Legislação Brasileira como modalidade de ensino. O estudo nos mostra que a busca pela justiça social, no que diz respeito às oportunidades de ensino para todos, está naturalmente florescendo em Uberlândia, com a criatividade e a simplicidade do trabalho voluntário.

Palavras-chave

Cursinhos Alternativos. Educação Popular. Vestibular.

1. Doutorando em Genética e Bioquímica pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: mario_ciencia@yahoo.com.br.

2. Pós-doutora em Ecologia pela University of Essex (Inglaterra), professora no Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia, orienta trabalhos de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação dos Recursos Naturais, atuou como tutora no Projeto Veredas e em algumas edições do Pro-Ciências. E-mail: lomonaco@ufu.br.

The alternative short courses accordingly to the opinion of their members

Mário da Silva Garrote Filho*, Cecília Lomônaco**

Abstract

This investigation is an exploratory study about some aspects of the organizational and functional dynamics of the Alternative Short Courses (ASC) at Uberlândia, MG. Around 250 students and 25 teachers were interviewed in ten of those schools. These courses has been commonly promoted by popular initiative and carry out important social actions for university education expansion, work formation and humanistic promotion of people with low income, who constitute their target public. The teacher's dedication, the classroom friendly environment and the absence of scholar fees were the most frequent positive characteristics pointed out by the students. The negative aspects mentioned are related to the lack of infra-structure and the deficiency of the financial resources, both resulted from the fact that these ASC do not have government support, since they are not officially recognized by the Brazilian Legislation as an educational modality. This study shows that the search for social justice, related to the equal opportunities for knowledge access is naturally flourishing in Uberlandia with the creativity and simplicity of the voluntary work.

Keywords

Alternative Short-courses. Popular Education. College Entrance Examination.

* Candidate for a doctor's degree in Genetic and Biochemistry by the Federal University of Uberlândia. E-mail: mario_ciencia@yahoo.com.br.

** Post-doctor in Ecology at the University of Essex (England), Professor at the Biological Science Institute at the Federal University of Uberlândia, orientates researches in the Program of Post-graduation in Ecology and Conservation of Natural Resources, worked as tutor in the Veredas Project and in some editions of the Pro-Ciências. E-mail: lomonaco@ufu.br.

Introdução

Cursos pré-vestibulares alternativos surgem e se multiplicam por ação popular e podem ser considerados como ações espontâneas de reação da sociedade contra a desigualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, notadamente no ensino superior. Espalhados por todo o país e conhecidos como cursinhos alternativos, militantes, populares ou comunitários destinam-se a pessoas de baixa renda e são geralmente promovidos e organizados por estudantes universitários, instituições filantrópicas, igrejas, movimentos sociais e Organizações Não Governamentais (PORTO-JUNIOR, 2001; BACCHETTO, 2003; BIONDI et al, 2003; NASCIMENTO, 2003; MIRANDA, 2005; LOMÔNACO; GARROTE-FILHO; 2005; CARVALHO 2006; MITRULIS, PININ, 2006).

Embora a educação no Brasil seja garantida constitucionalmente como direito de todos, poucos são os brasileiros que concluem o ensino superior. Estima-se que apenas 1,79% da população têm acesso às universidades e que somente uma parcela deste montante consegue finalizar um curso superior (MEC/INEP, 2001). A formação universitária contribui significativamente não somente para o pleno desenvolvimento do cidadão, uma vez que lida com a transmissão, a análise crítica e a produção do conhecimento, mas também tem papel importante na adequada capacitação para o trabalho. Há, portanto, relação estreita entre o nível de formação acadêmica e a condição socioeconômica.

Jean Claude Forquin (1995), em sua interpretação sobre desigualdades escolares, registra que estas estão associadas a desigualdades sociais, e se traduzem na falta de equidade, de iguais oportunidades educacionais para os diversos indivíduos e para os grupos sociais, no que se refere ao seu acesso e a sua permanência no sistema escolar. A mercantilização do

ensino, em especial o preparatório para o vestibular, tem feito da educação um negócio altamente lucrativo que exclui, ofensivamente, aqueles clientes que não podem arcar com os custos financeiros da educação.

Na sociedade moderna, a educação escolar tem grande importância no processo de transmissão, de construção e de socialização do conhecimento e do poder (DURKHEIM, 1995) e, em decorrência disso, a educação é encarada por alguns teóricos como instrumento capaz de possibilitar a ascensão dos indivíduos na estrutura social, sendo por isso desejada pela camada popular que almeja melhorar sua posição social.

A pesquisa em sociologia da educação nos mostra a aspiração, cada vez mais acentuada, dos movimentos sociais por maior justiça no que diz respeito ao direito de escolarização. Isso porque, diante da situação de pobreza, a educação é vista como um dos fatores que poderão ajudar a reverter esse quadro. Além disso, a educação torna as pessoas mais conscientes e, portanto, mais aptas a promover mudanças sociais e sua própria emancipação. Assim, para além do papel de equalização social e transmissão dos saberes e cultura de um povo, a escola também pode ser instrumento de transformação social.

Aqueles que compreendem a educação como direito de todo indivíduo, defendem o acesso de todos aos bens culturais, a fim de que as diferenças entre classes sociais sejam diminuídas. Aqui se justificam os programas de educação compensatória que se constituem de políticas explícitas de intervenção nos problemas educacionais. De que outro instrumento dispomos para intervir ativamente na dinâmica da escola, que tende a reproduzir e manter o seu estado atual de organização?

A escola é um espaço privilegiado de observação do modo como a sociedade tem se organizado e dos valores intrínsecos que sustentam seus movimentos de transformação,

porque se compreende que a escola, como exercício da coerção social, lida com internalizações já construídas e em construção, a partir das atividades pedagógicas que propõe e desenvolve (DURKHEIM, 1978).

A gênese e a expansão dos cursos pré-vestibulares alternativos podem estar associadas ao aumento relativamente recente do número de alunos concluintes do ensino médio e à crescente exigência de qualificação para a obtenção de empregos que geram melhor renda. Também contribui para este quadro motivacional, a atual política governamental de ampliação de vagas na rede de ensino superior e concessão de bolsas de estudos para estudantes de baixa renda.

Os cursos pré-vestibulares, sejam alternativos ou particulares, não são regulamentados constitucionalmente no Brasil (BIONDI et al, 2002; NASCIMENTO, 2003). Além disso, o poder executivo não tem nenhuma obrigação legal de oferecer, para a população, cursos preparatórios para o vestibular. Por isso, os cursinhos alternativos consistem em espaços para-escolares não formais (CARVALHO, 2006). Contudo, embora não regulamentados e não apoiados financeiramente pelos órgãos governamentais, constituem uma realidade instalada, com características e peculiaridades próprias que precisam ser conhecidas e analisadas, não somente como um espaço educacional, mas também como um movimento humanístico voltado para a inclusão social e a partilha do conhecimento.

As pesquisas sobre os cursinhos alternativos ainda são escassas. Alguns aspectos pedagógicos e sua efetividade como ação afirmativa de integração social já foram recentemente analisadas por Mitrulis; Pemin (2006) e Carvalho (2006) com base em observações feitas, respectivamente, em cursinhos estabelecidos em São Paulo e no Rio de Janeiro. Pouco se sabe sobre o que pensam os alunos e os professores dessas instituições de ensino, e qual é a sua efetividade na formação e no desenvolvimento

da pessoa no seu preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Além disso, uma rica diversidade de formas de organização e de estruturação parece ocorrer, dentre as já divulgadas na literatura, envolvendo ainda experiências de diversas outras cidades brasileiras. A complexidade da questão carece de múltiplas formas de investigação e enfoques analíticos e pode ser bastante enriquecida com o confronto de diferentes experiências e análises.

Uma importante característica dos cursinhos alternativos é o baixo custo para o aluno, pois muitos são gratuitos ou cobram apenas a taxa de inscrição, e outros possuem mensalidades com valores bem inferiores às de cursinhos particulares. Além da cobrança de taxa de inscrição e/ou matrícula, a obtenção de recursos financeiros pelos cursinhos alternativos pode ocorrer mediante parcerias e patrocínios. Geralmente, o valor arrecadado é insuficiente para que o cursinho alternativo funcione adequadamente. Devido à escassez de recursos financeiros, as aulas de muitos cursinhos alternativos são realizadas em espaços cedidos por universidades, igrejas e escolas, durante turnos ociosos. O dinheiro arrecadado, em geral, é usado para o custeio do material didático fornecido aos alunos e/ou do uniforme ou, ainda, pode ser utilizado para pagamento do vale-transporte para os professores, que são geralmente voluntários ou, em alguns casos, recebem uma pequena remuneração (BACCHETTO, 2003; CARVALHO, 2006).

Os cursinhos alternativos, embora estejam voltados para preparar para o exame vestibular, não se limitam a esta finalidade, pois incluem disciplinas com conteúdos diferenciados não convencionais, que visam ampliar a percepção do aluno sobre a sua realidade social e cultural (BACCHETTO, 2003; CARVALHO, 2006).

Esta investigação está baseada em um estudo exploratório que observou e registrou alguns aspectos da dinâmica organizacional e de funcionamento de cursinhos alternativos

da cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, ouvindo, ainda, alunos e professores de 10 escolas diferentes. Foram apresentados os pontos positivos e negativos apontados pelos alunos e os resultados das entrevistas feitas com o corpo docente. Avaliou-se a relevância desses cursinhos na formação cidadã e profissional dos estudantes e discutiu-se, ainda, de que modo o fenômeno de gênese e de disseminação dessas escolas pode estar associado a um genuíno movimento popular de reação contra as desigualdades sociais.

Cursinhos estudados

O estudo foi realizado entre meados de 2005 e meados de 2006, quando foram catalogados todos os cursinhos alternativos da cidade de Uberlândia, MG, e realizada a distribuição de um questionário estruturado para ouvir a opinião de 251 alunos. Os cursinhos pesquisados e a respectiva quantidade de alunos que participaram da pesquisa (entre parênteses) foram os seguintes: Alternativo (15), Futuro (59), Impactus (14), Inclusão (45), Movimento de Assistência Estudantil – Campus Santa Mônica (32), Movimento de Assistência Estudantil – Campus Umuarama (17), Movimento de Educação Popular (14), Paulo Freire (28) e Raízes (27).

Nestes cursinhos, as aulas são ministradas à noite, de segunda a sexta-feira e aos sábados à tarde, horário que visa atender às pessoas que geralmente trabalham durante o dia e aos professores e coordenadores, muitos dos quais trabalham e/ou estudam em período integral (MIRANDA, 2005). As salas de aula são cedidas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e por escolas públicas.

O questionário aplicado aos alunos continha perguntas subjetivas acerca dos pontos positivos e negativos do cursinho alternativo, dos objetivos do estudante ao ingressar no cursinho, do tipo de formação almejada e da

forma como tomou conhecimento da existência do cursinho. Como se tratavam de questões que demandariam tempo e atenção para serem respondidas, foi permitido aos alunos que levassem consigo o questionário para respondê-lo com mais tranquilidade, estabelecendo-se data limite para sua devolução. Os alunos tinham total liberdade para estruturar suas respostas e enumerar mais de uma resposta nas questões que solicitavam citação de aspectos. No conjunto, 251 estudantes participaram da entrevista, mas alguns devolveram os questionários sem terem respondido a todas as questões solicitadas.

Foram também ouvidos 16 professores, caracterizados quanto à idade, tipo de formação, experiência profissional e questionados quanto à sua motivação para atuar no cursinho alternativo.

Divulgação e chamada de alunos

Os principais meios de informação dos alunos para a tomada de conhecimento das atividades dos cursinhos foram: a conversa com amigos (31,9%), com alunos, com ex-alunos e com professores dos cursinhos alternativos (17,1%), com parentes (10%) e com vizinhos (1,2%). Também foram utilizados meios mais sofisticados e abrangentes como a televisão (15,9%), durante programas que divulgavam notas informativas ou por meio de reportagens e entrevistas envolvendo membros dos cursinhos alternativos. Outros tipos de mídia, como o rádio e o jornal impresso, também foram citados por pouco mais de 1% dos alunos. A fixação de cartazes em diversos locais, como pontos de ônibus, transportes coletivos e escolas públicas foi mencionada por 12,3% dos entrevistados.

A divulgação dos cursinhos alternativos ocorre de forma mais intensa durante o período de inscrições para novas turmas. Em Uberlândia, essas inscrições, geralmente, eram realizadas em bancadas montadas em um terminal de ônibus situado no centro da cidade. Nestes locais, 7,6% dos alunos entrevistados

tiveram conhecimento da existência do cursinho alternativo em que estudam.

Pontos positivos apontados pelos alunos

O grupo de alunos pesquisado pode ser caracterizado pela idade entre 15 e 62 anos, com maior quantidade de indivíduos entre 15 e 20 anos (56%). Além disso, predominam indivíduos do sexo feminino (65%), a maioria proveniente de escolas públicas (84%), em que concluíram o ensino médio. Mais da metade esteve afastada dos estudos por algum tempo (55%) e exerce alguma atividade remunerada (51%). Os alunos, em sua maioria, alegaram estar satisfeitos com as atividades do cursinho e disseram sentirem-se aptos a concorrer com alunos de cursinhos particulares (60%).

Os pontos positivos dos cursinhos alternativos mencionados pelos estudantes foram bastante diversificados. Para facilitar a apresentação dos dados, as respostas foram agrupadas em categorias, e estão listadas na Tabela 1, a seguir, de acordo com o número de vezes em que foram mencionadas e a frequência percentual de citação por aluno, considerando o número total de estudantes entrevistados.

Tabela 1 - Pontos positivos dos cursinhos alternativos, apontados pelos alunos entrevistados (N=251)

Características	Alunos	
	N	%
Dedicação dos professores e boa qualidade das aulas	193	76,9
Ambiente cordial	40	15,9
Baixo custo financeiro	32	12,7
Boa dedicação dos coordenadores	23	9,1
Proximidade da casa do aluno	14	5,6

Incentivo e respeito aos alunos	14	5,6
Formação crítica do aluno	12	4,8
Apoio às pessoas de baixa renda	12	4,8
Professores são alunos da Universidade	12	4,8
Interesse, maturidade e dedicação dos alunos	09	3,6
Horário adequado de funcionamento	08	3,2
Colegas no mesmo nível financeiro	08	3,2
Revisão e complementação de conteúdos do Ensino Médio	08	3,2
Cumprimento do programa do vestibular	01	0,4
Outras	09	3,6

A característica positiva citada com maior frequência pelos alunos (76,5%) foi a dedicação dos professores. Na maioria dos cursinhos pesquisados, o que surpreende é o fato do trabalho docente ser voluntário. Apenas em um deles os professores recebiam pagamento por hora/aula, mas não eram trabalhadores registrados. Os depoimentos sobre esta questão são eloquentes:

[...] os professores estão lá não para receber um salário no final do mês, e sim porque gostam e querem ensinar...

[...] os professores que temos aqui, alguns até dão aulas em instituições privadas, são de extrema qualidade e além de nos passar o conteúdo com tal sabedoria fazem isso com prazer e muito amor, fator este que ajuda muito no aprendizado.

Os professores dos cursinhos alternativos são valorizados pelos alunos não apenas por sua dedicação, mas também porque muitos deles ainda eram alunos de graduação:

[...] os professores, por serem ainda universitários, passam suas experiências e dão dicas para ficarmos informados e acabam tirando aquele medo e dúvidas em relação ao vestibular.

[...] isto diminui a diferença entre professor e aluno, pois afinal, ambos são alunos, porém com escolaridades diferentes e isso nos ajuda muito porque eles estão muito perto da nossa realidade.

[...] os professores já são alunos da faculdade e nos passam as experiências adquiridas de determinados cursos.

[...] é vantajoso que os professores ainda estejam cursando uma universidade porque, desse modo, os conteúdos estão bem fresquinhos em suas cabeças.

A motivação desses “professores-alunos”, quase todos jovens com idade entre 21 e 26 anos (84%), egressos total ou parcialmente de escolas públicas (86%), baseava-se no desejo de ajudar pessoas carentes no preparo para o vestibular, na valorização da sua autonomia para ensinar e agir, promovendo um ensino contextualizado. Além disso, para esses professores que, cuja maioria provinha de cursos de licenciatura, a experiência profissional nos cursinhos alternativos também contribuía significativamente para a sua formação.

Os professores entrevistados também mencionaram o bom relacionamento com os alunos, esses caracterizados como sendo interessados e dedicados, e a abertura existente para participarem e opinarem ativamente na administração escolar.

A cordialidade no ambiente de aprendizagem foi a segunda característica mais frequentemente citada (15,9%), como exemplificada nos depoimentos a seguir:

[...] São vários os pontos positivos. É até difícil mencionar todos aqui. Mas entre eles não posso deixar passar em branco a equipe que

forma o pré-vestibular, que é muito mais que um grupo de pessoas, é um círculo de amigos que me incentiva a não desistir do meu desejo de entrar na UFU. Todos os dias tenho motivação para ir à escola, pois sei que vou encontrar bons professores, coordenadores comprometidos, além de amigos que eles são.

[...] O bom relacionamento pessoal não se dá apenas entre alunos e professores, mas ocorre também entre os próprios estudantes [...] a convivência com os colegas sem o espírito de concorrência e sim de união, a relação de amizade entre alunos.

A boa organização institucional dos cursinhos foi mencionada por 14,7% dos alunos entrevistados. Eventualmente, a falta de professor, muitas vezes sem aviso prévio, é compensada pela convocação de professores para ocupar o horário que ficaria vago. Um aluno esclarece que um cursinho alternativo é “[...] bem organizado em relação ao horário. Os coordenadores organizam bem, remanejando professores faltosos”. A dedicação dos coordenadores foi citada como ponto positivo por 9,2% dos alunos.

Outro item mencionado pelos entrevistados foi o baixo custo financeiro dos cursinhos alternativos para o aluno. Nos cursinhos alternativos de Uberlândia investigados, era cobrada do aluno apenas uma taxa referente à matrícula, cujo valor variava de 70 a 100 reais, bastante inferior à de taxa média de 1.700 reais cobrada pelos dos cursinhos particulares. Bacchetto (2003) também verificou na cidade de São Paulo que, mesmo quando há cobrança de mensalidades, o valor praticado pelos cursinhos alternativos é bem inferior ao de cursinhos comerciais. Em Brasília, de acordo com Porto Junior (2001), o baixo custo financeiro foi também citado como o grande atrativo dos cursinhos alternativos pelos alunos.

A formação crítica, a proximidade do local das aulas da casa do aluno, o que permite a economia de gastos com transporte,

e o apoio às pessoas com baixa renda, foram também pontos positivos mencionados pelos estudantes. Uma entrevistada afirmou receber vale-transporte, conhecidos municipalmente como passes-escolares para frequentar as aulas: “[...] estes passes ajudam o aluno vir à escola e estimulam o aluno a não faltar”. Além disso, para aqueles que assistem às aulas nos campi universitários, a localização do cursinho dentro destas instituições de ensino foram consideradas positivas: “[...] além de ser um local de fácil acesso nos dá uma motivação especial, como se a vaga estivesse mais perto”.

Os cursinhos alternativos de Uberlândia utilizam diversos critérios para o preenchimento de vagas pelos alunos. Em alguns, isso era feito por ordem de chegada ou sorteio. Em outros cursinhos, entretanto, o processo de seleção incluía prova de conhecimentos gerais e/ou análise socioeconômica do aluno. Segundo Miranda (2005), o sorteio e o preenchimento de vagas por ordem de chegada são mais apreciados pelos estudantes como forma de seleção, porque a prova de conhecimentos gerais poderia ser um grande obstáculo para os alunos que se mantiveram afastados dos estudos por muito tempo após a conclusão do ensino médio e para aqueles que tiveram um ensino médio precário.

O ensino de conteúdos (ou mesmo de disciplinas inteiras) que deveriam ter sido ministrados até o final do ensino médio foi também citado: “[...] como vim de escola pública, eu não tive bom aprendizado na área de exatas. No cursinho particular eles ensinam o avançado, considerando que o básico você já sabe, mas no cursinho alternativo eles constroem uma base para depois avançar no conteúdo e isso é um ponto extremamente positivo”.

Cabe aqui discutir o que nos parece ser a característica mais marcante dos cursinhos alternativos, a partir da qual toda sua organização e seu funcionamento se estruturam: o trabalho voluntário. Como é possível conciliar baixo ou nenhum ganho financeiro com a

cordialidade no trato das relações pessoais?

Há sentido em supor que o senso de cidadania, de responsabilidade, de justiça social e de respeito às diferenças é a motivação principal a impulsionar as atividades voluntárias que estruturam e mantêm o funcionamento dos cursinhos alternativos, como também, conforme propõe Forquim (1993), que um povo seja capaz de recriar intencionalmente o seu ambiente, motivado por questões ideológicas, culturais, sociais e querer compartilhar conhecimentos e competências. Sobre essa questão, Durkheim (1975) propõe a solidariedade social como fator de coerção social, que atua de modo a aumentar a integração dos indivíduos da sociedade, produzindo cooperação.

De fato, a gênese dos cursinhos alternativos no Brasil foi identificada por Baccheto (2003) como decorrente da ação de dois movimentos: o negro e o estudantil. Santos (2005) corrobora a ideia de que o movimento negro esteve à frente da origem dos cursinhos alternativos no estado do Rio de Janeiro.

A percepção das desigualdades sociais e a boa vontade em minimizá-las parecem ser na atualidade questões que sensibilizam toda a sociedade e não apenas algumas organizações não governamentais. Recentemente, o ministro da Educação, em um debate sobre ações afirmativas promovido pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP), mencionou a boa receptividade de alunos afrodescendentes ingressantes nas universidades pelas cotas pré-estabelecidas. Afirmou, ainda, que antes mesmo da aprovação em plenária da lei pelo Congresso Nacional, 40 universidades já haviam estabelecido e implementado o sistema de cotas nos seus exames de seleção de ingressantes.

Se por um lado o trabalho voluntário feito nos cursinhos alternativos constitui-se numa ação concreta contra a desigualdade, por outro, pode também representar uma rica experiência didática para seus executores. Dos professores ouvidos, 34% mencionaram

a vontade de ajudar pessoas e 32% o fato de ministrarem aulas para adquirir experiência na docência. Esta dupla característica de dar e receber da ação voluntária, pode nos levar a crer que ser solidário não é apenas ser sensível à alegria ou ao sofrimento do outro. A solidariedade pressupõe também compartilhar deveres e direitos e estabelecer efetivas relações de trocas. Assim, o projeto comum de um grupo que partilha laços ideológicos, afetivos, valores e crenças motiva e alimenta o sentimento de que todos estão envolvidos numa batalha que dá sentido à trajetória que aponta o ideal a ser alcançado (ENRIQUEZ 2001).

Pontos negativos apontados pelos alunos

Os pontos negativos mencionados pelos estudantes estão listados e categorizados na Tabela 2:

Tabela 2 - Pontos negativos dos cursinhos alternativos apontados pelos alunos entrevistados (N=251)

Características	Alunos	
	N	%
Descompromisso e inexperiência de professores	72	26,3
Material didático inadequado	59	23,5
Desistência de colegas	49	17,9
Quadro incompleto de professores	40	14,6
Não possui problemas	24	9,6
Infraestrutura inadequada	16	5,8

Carga horária insuficiente para abordar todo o conteúdo	16	5,8
Horário das aulas	14	5,6
Organização ineficiente	13	4,7
Fiscalização excessiva	10	4,0
Comportamento inadequado de colegas	08	3,2
Distante da casa do aluno	07	2,8
Abordagem de conteúdos desnecessários	03	0,4
Cobrança de taxa de matrícula	01	0,4
Heterogeneidade das turmas	01	0,4

De oito dos cursinhos alternativos pesquisados, o quadro incompleto de professores foi o ponto negativo mais frequentemente mencionado pelos entrevistados (14,3%). Isso acontece porque, para algumas disciplinas, faltam professores voluntários interessados em lecionar ou existem dificuldades para os professores manterem seus compromissos com o cursinho alternativo. O abandono das atividades pode ser decorrente da impossibilidade de conciliação dos compromissos acadêmicos com a atividade de docência no caso dos professores-alunos ou por proposta de emprego remunerado. Muitos alunos reclamaram também da falta de compromisso dos professores faltosos (15,1%) da inexperiência de alguns (3,6%).

Quando havia professores que faltavam sem avisar com a devida antecedência, os coordenadores ficam sem tempo suficiente para providenciar professor substituto. Quando

isso acontecia, os alunos eram dispensados ou as turmas eram agrupadas para que os alunos não ficassem sem aulas. A falta de professores era comum no final do semestre letivo, época em que os professores-alunos tinham, com a aproximação do término do semestre letivo, um acúmulo de provas e outros trabalhos acadêmicos. No depoimento que se segue, este fato foi mencionado: “como os professores levam dupla ou até tripla jornada de trabalho (faculdade, trabalho, cursinho) eles às vezes não conseguem se empenhar ao máximo no que fazem, fica cansativo para eles [...]”.

Outro problema citado foi a precariedade da infraestrutura dos cursinhos alternativos (3,6%) que, por sua vez, está relacionado à escassez de recursos financeiros (2,8%). As aulas dos cursinhos pesquisados ocorrem em salas com uso esporádico pelas parceiras, que geralmente são também escolas. Raramente são disponibilizados aos cursinhos alternativos espaços físicos reservados que possam ser usados em tempo integral para acomodar materiais didáticos e outros equipamentos. No depoimento a seguir, outros inconvenientes associados a essa questão são mencionados:

[o cursinho] não tem uma infraestrutura como laboratório, anfiteatro etc. Assim as aulas ficam muito presas à sala de aula [...]. Pela falta de dinheiro, quase não temos aulas práticas, pois uma coisa é o professor desenhar uma célula no quadro e explicar para o aluno e outra é você ver uma célula no microscópio.

Com relação a professores novatos, foi constatado que a sua proporção era de 32,5% e, de fato, muitos desses professores tinham dificuldades de ensinar por serem inexperientes: “Existem ótimos professores, mas a maioria é iniciante e estes às vezes não sabem passar o conteúdo para os alunos. Às vezes não sabem nem tirar as dúvidas”.

A atuação da coordenação também foi alvo de críticas. Em um extremo, houve alunos

que reclamaram da fiscalização excessiva por parte da coordenação em alguns cursinhos alternativos (4,0%). No outro extremo, alguns alunos reclamaram da falta de organização do cursinho (1,6%). Pode-se entender melhor do que se trata essa falta de organização no depoimento de uma aluna: “os coordenadores não passam nada para os alunos, nem para os professores. O cursinho está uma bagunça, os coordenadores não passam os horários para os professores e vêm dois ao mesmo tempo, às vezes não vem nenhum”.

Os alunos também apontaram como ponto negativo a atitude de alguns de seus colegas, como a desistência (17,9%), que ocorre principalmente ao final do semestre letivo. Além disso, 1,6% dos alunos mencionaram o desinteresse e a falta de dedicação de alguns de seus colegas. Curiosamente, na opinião de um aluno, isso pode ser decorrente de uma das características mais marcantes dos cursinhos alternativos, que é o fato de não serem cobradas mensalidades: “por ser um curso alternativo, muitos alunos não dão muito valor”. Apesar deste tipo de percepção ter sido apontado na entrevista, muitos estudiosos do fenômeno da evasão escolar já constataram, inquestionavelmente, a força da condição social no processo de permanência do estudante na escola, privilegiando os cidadãos das classes mais abastadas (FORQUIM, 1985; BIONDI et al, 2002).

O material didático oferecido ao aluno consistia de uma apostila com textos e exercícios organizados pelos próprios professores. Em geral, essas apostilas eram confeccionadas a partir de uma parcela do dinheiro referente ao pagamento da taxa de inscrição. Essas apostilas foram consideradas ruins por 7,6% dos alunos de seis cursinhos alternativos. Alguns alunos reclamaram da baixa qualidade da impressão das apostilas, enquanto outros se mostraram insatisfeitos com o fato de muitas dessas apostilas estarem incompletas, por não abrangerem todas

as disciplinas. A falta de textos de referência para leitura foi um problema citado por 10,7% dos alunos: “[...] não temos apostilas e por isso perdemos tempo copiando matérias. Se tivéssemos apostila [...] nós iríamos ver toda a matéria e teria tempo de ver todo o conteúdo”. Sobre a aquisição dessas apostilas, outra aluna explica que “[...] sendo um cursinho alternativo, muitas pessoas não têm condição para comprar”.

As queixas principais dos professores entrevistados foram relacionadas ao prejuízo no trabalho de equipe provocado pelos colegas faltosos, o que contribuiria para o descrédito do projeto. Além disto, foram mencionadas as dificuldades de aprendizagem dos alunos e as dificuldades de gerenciamento das atividades previstas por falta de infraestrutura apropriada. Em relação às aulas, alguns alunos estavam insatisfeitos porque achavam que havia poucas aulas (3,6%), insuficientes para aprendizado do conteúdo necessário.

Não muito surpreendentes foram os pontos negativos apontados, por tratarem os cursinhos de organizações não regulamentadas oficialmente e inaptas à captação de recursos da união, estados ou municípios. Seria interessante a realização de um trabalho de acompanhamento, durante um tempo maior de inserção no cotidiano destas escolas, para averiguar de que modo as dificuldades estariam sendo minimizadas e contornadas e quais mecanismos estariam sendo desenvolvidos para sua continuidade, principalmente no que diz respeito à atuação dos professores voluntários, para os quais as relações formais de direito e deveres da legislação brasileira não se aplicam.

Tipo de formação almejada pelo aluno

Dos alunos entrevistados, 32,7% afirmaram estar frequentando os cursinhos alternativos com vistas à preparação para o vestibular, com opiniões como as que se seguem:

[...] o objetivo maior pelo qual estou aqui é simplesmente passar no vestibular. Acredito, então, que o cursinho deve se limitar a isso [...] eu acho que as disciplinas que são cobradas no vestibular já são muitas, e difíceis, tenho que me concentrar apenas nestas disciplinas para ter uma melhor preparação para o vestibular.

Sobre essa questão, mais da metade dos estudantes (60%) consideravam-se capazes de competir com os concorrentes do vestibular e, de fato, os cursos por eles escolhidos para ingresso estavam entre os mais concorridos.

Entretanto, outros alunos (21,5%) afirmaram desejar obter formação complementar além da preparação para o vestibular. Os demais não responderam ou não especificaram com clareza as suas opiniões. As atividades que os alunos gostariam de exercer em sua formação complementar estão listadas na Tabela 3.

Dentre as atividades mencionadas para a formação complementar estão: a preparação para concursos, incluindo o ENEM ou preparação para o mercado de trabalho, a contextualização do ensino trazendo “conhecimentos para a vida”, a abordagem de conteúdos sobre psicologia, política, sociedade, saúde e práticas diversas para promover o bom relacionamento humano e a apreciação da arte, da música e da cultura. Atividades de relaxamento e socialização também foram mencionadas nos depoimentos:

[...] deveria haver mais momentos descontraídos e relaxantes para aliviar a tensão pré-vestibular.

[...] Creio que a aulas de Psicologia ajudariam a diminuir a tensão antes do vestibular e trariam benefícios no nosso dia-a-dia, por exemplo, em entrevistas de emprego, e nos ajuda a interagir com outras pessoas e a quebrar a barreira da timidez.

Tabela 3 - Disciplinas ou atividades diferenciadas dos cursinhos alternativos que abordam conteúdos que não são cobrados pelo vestibular (N=54).

	Alunos	
	N	%
Preparação para concursos e ENEM	12	22,2
Psicologia e relacionamento humano	9	16,7
Conhecimentos para a vida e o trabalho	10	22,2
Atualidades	7	13,0
Cultura, Música, Teatro	7	13,0
Política e sociedade	5	9,2
Informações sobre o ensino superior	4	7,4
Práticas esportivas e de relaxamento	3	5,6
Informática	3	5,6
Aulas práticas	1	1,8
Educação popular	1	1,8
Saúde	1	1,8

Assim como em Uberlândia, em cursinhos alternativos de outras cidades também existem aulas ou espaços pedagógicos diferenciados, como o ensino de Artes, Cidadania, Cultura e Direitos Humanos (PORTO JÚNIOR, 2001; BACCHETTO, 2003; NASCIMENTO, 2003; MIRANDA, 2005). Nos cursinhos de Uberlândia, eram promovidas atividades de relaxamento, discussão de temas sobre saúde e meio ambiente e apresentações culturais (música e pintura).

Os cursinhos Popular de Jandira, Mitrulis e Pinin (2006) relatam que, por causa do insucesso para ingresso nos exames de acesso ao ensino superior, optou-se por privilegiar a formação geral dos alunos, potencializando as aulas de cidadania, os projetos sociais e culturais, as aulas de interpretação de texto e de inglês, com o objetivo de elevar a autoestima dos alunos e aumentar as competências e as habilidades para a vida e não apenas para o vestibular.

Possivelmente, como reação a este fato, a Lei de Bases da Educação Nacional (LDB), em vigor desde 1996, já tentava promover uma nova maneira de estudar que buscasse desenvolver competências que vão além dos conteúdos escolares, ou seja, fundamentadas no aprendizado e não no ensino, levando em consideração as possibilidades dos aprendizes e sua realidade socioeconômica. A proposta, sem dúvida, é um avanço para tornar a educação mais adequada ao perfil do aluno que se constitui o alvo do processo educativo, reduzindo o contraste entre aspectos da cultura dos alunos e o padrão cultural dominante na escola (TOURAINÉ, 1999). Fica, entretanto, o questionamento seguinte: seria esta abordagem suficiente para a promoção da justiça social no campo da educação?

Não foi possível estabelecer o percentual de aprovação dos alunos dos cursinhos alternativos na Universidade, pois os questionários socioeconômicos dos processos seletivos feitos pela Universidade Federal da cidade de Uberlândia, instituição alvo para ingresso dos estudantes dos cursinhos alternativos, não distinguem os cursinhos particulares dos alternativos. Entretanto, parece haver baixo índice de sucesso na aprovação dos integrantes dos cursinhos alternativos de Uberlândia, como ocorrido em outras cidades. Segundo dados do questionário socioeconômico, o candidato aprovado é o jovem de até 24 anos, solteiro, que não exerce atividade remunerada, utiliza o computador para realizar trabalhos escolares ou para o lazer, frequentou o ensino médio no turno diurno, realizou o exame vestibular apenas uma vez e espera uma formação universitária voltada para o trabalho.

É, portanto, inevitável constatar que o sistema educacional, tal como estruturado no Brasil, privilegia grupos específicos de pessoas, cujo modo de vida das famílias se alinha ao modo como a própria instituição escolar se organiza, gerando

desigualdades escolares ou desigualdades sociais na educação (FORQUIM, 1985).

Biondi e colaboradores (2002), corroborando esse ponto de vista, denominam os cursinhos populares de “tapa-buracos” na educação por não solucionarem o problema de exclusão, pela universidade pública, das classes dos que recebem menor renda salarial.

É, entretanto, possível reconhecer o papel da escola no processo de transformação social, quando associamos conhecimento às diferentes formas de poder social e econômico nas diferentes esferas da vida e quando compreendemos o modo como essa associação pode ser utilizada no desenvolvimento da consciência crítica e ativa dos cidadãos.

Considerações Finais

O que o estudo da realidade dos cursinhos alternativos nos mostra é que a busca da justiça social, no que diz respeito às oportunidades de ensino para todos, está naturalmente florescendo, multiplicando-se com criatividade

e simplicidade, por meio do trabalho voluntário daqueles que não somente desejam ver pessoas mais aptas ao trabalho, como também querem contribuir para a redução das desigualdades neste país, cuja organização política e social tão desigualmente trata seus cidadãos, e do desejo de uma vasta parcela da população de alcançar o patamar exigido para a entrada na universidade pública. Que este esforço sensibilize todos aqueles que discutem a educação. Que este genuíno e atual movimento popular fortaleça e incremente a adoção de políticas afirmativas de inclusão. Que a educação brasileira transforme o povo brasileiro e que o povo brasileiro saiba como viver com justiça e paz.

Agradecimentos

Somos gratos às Diretorias de Extensão, de Assuntos Estudantis e de Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia por terem nos fornecido cópias dos questionários utilizados na coleta de dados. Agradecemos também à Carina Diniz Nascimento pela revisão linguística do texto.

Referências

- BACCHETTO, J. G. **Cursinhos pré-vestibulares alternativos no município de São Paulo** (1991-2000): a luta pela igualdade no acesso ao ensino superior. 2003. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BIONDI, A. et al. Tapa-buraco na educação: os cursinhos populares não resolvem o problema da exclusão, pela universidade pública, dos mais necessitados. **Caros Amigos**, n. 67, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://carosamigos.terra.com.br>>. Acesso em: 7 out. 2006.
- CARVALHO, J. C. B. Os cursos pré-vestibulares comunitários e seus condicionantes pedagógicos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 128, p. 299-326, maio/ago. 2006.
- DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- ENRIQUEZ, E. A. O vínculo grupal. In: MACHADO, M. N. M et al. (Orgs.). **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 56-69.
- FORQUIM, J.C. **Sociologia da educação: dez anos de pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LOMÔNACO, C.; GARROTE FILHO, M. S. Perfil dos professores de cursinhos alternativos de Uberlândia. **Revista de Educação Popular**, n. 4, p. 72-80, jan./dez. 2005.

- MEC/INEP. **Sinopse estatística do ensino superior**. [2001]. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/sensosuperior>>. Acesso em: 10 out. 2006.
- MIRANDA, R. **A gestão nos cursos pré-vestibulares alternativos**: um olhar sobre a gestão no terceiro setor no município de Uberlândia. 2005. 186f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Administração, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.
- MITRULIS, E.; PININ, S. T. S. Pré-vestibulares alternativos: da igualdade à equidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 128, p. 269-298, maio/ago. 2006.
- NASCIMENTO, A. L. Cursinhos militantes: ação coletiva pela democratização da educação superior. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 29, 2003. Disponível em: <<http://espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 6 out. 2006.
- PORTO JÚNIOR, F. G. R. A incidência de pré-vestibulares populares: o caso do Pré-UnB. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 10, n. 17, p. 39-61, jan./jun. 2001.
- SANTOS, R. E. **Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação, 2005.
- TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes. 1999.

Submetido em 08 de setembro de 2010

Aprovado em 25 de março de 2011